## POLIFONIAS DA CIDADE: IMIGRAÇÃO E MEDICINA NA REAL E BENEMÉRITA BENEFICÊNCIA PORTUGUESA – SÃO PAULO (1859-1944)

*Yvone Dias Avelino*

O presente artigo pretende trazer contribuições para a historiografia sobre a cidade de São Paulo e sobre a saúde no espaço urbano, fazendo conexões com a imigração portuguesa para a Paulicéia, que necessitou sempre de cuidados médicos em suas diversas fases de (re) construção.

Muitos arquivos e bibliotecas foram consultados: Arquivo do Hospital São Joaquim da Beneficência Portuguesa de São Paulo; Arquivo do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo; Arquivo Municipal de São Paulo Washington Luís; Arquivo do Estado de São Paulo; Arquivo do Museu Paulista; Arquivo do Museu da Saúde Pública Emilio Ribas; Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; Biblioteca Municipal Mário de Andrade, Biblioteca Nadir Gouvea Kfoury, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Biblioteca da Casa de Portugal em São Paulo; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Biblioteca de Saúde Pública da Cidade de São Paulo; e Museu da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Nossa investigação encontrou cinco nomes de médicos emigrados de Portugal para o Brasil, que fizeram parte do corpo clínico do Hospital São Joaquim de Beneficência Portuguesa, entre os anos de 1859 a 1944. Segundo as fontes analisadas, a baixa presença de médicos de origem lusa nesta Instituição deve-se, entre outras questões, ao avanço do saber médico em outros centros europeus como a Inglaterra, a França e a Alemanha, e a facilidade de entrada no Brasil encontrada por médicos italianos, através dos acordos legislativos de imigração/emigração entre os governos italiano e brasileiro.

Mesmo com a baixa frequência de médicos portugueses no corpo de funcionários do Hospital São Joaquim em relação aos italianos, brasileiros e de outras nacionalidades, é importante salientar que as origens da medicina brasileira estão nas Faculdades lusas, entre elas, a Universidade de Coimbra, principalmente.

Apesar da íntima relação entre imigração e trabalho urbano, são poucos os estudos referentes aos profissionais liberais imigrantes, tais como médicos, engenheiros, arquitetos, advogados, professores, jornalistas, entre outros. Parte das pesquisas existentes sobre essas profissões focam figuras importantes, que tiveram destaque na sociedade,

como os de nacionalidade francesa. É o caso de Victor Dubugras, arquiteto que trabalhou entre os anos de 1894 a 1897 no Departamento de Obras Públicas de São Paulo, e que desenvolveu projetos particulares residenciais e comerciais em bairros nobres da cidade de São Paulo, entre eles, o bairro de Higienópolis. Em 1916 fundou o Instituto de Engenharia, entre outras atividades como docente na Escola Politécnica de São Paulo. Outro francês de destaque foi Jules Martin, cartógrafo, desenhista e construtor. Foi responsável pelo projeto do Viaduto do Chá, na região central da Capital, inaugurado em 1892. Alguns comerciantes de renome também são destacados, como o português Souza Bastos, proprietário do Café Java, inaugurado em 1878. Também possuem bastante visibilidade nas fontes documentais os trabalhadores imigrantes que se dirigiram aos afazeres no espaço da urbe, entre eles os carroceiros, os leiteiros, os carpinteiros, os pedreiros, os vendedores ambulantes, os comerciantes, os caixeiros viajantes, os condutores de charretes e bondes, os ferroviários, os jardineiros, os alfaiates, as costureiras, as doceiras, os padeiros, os confeiteiros, os operários, entre outras profissões.[1]

Os *Almanaques Administrativos da Indústria e do Comércio da cidade de São Paulo*, e os jornais, em especial, o jornal *O Correio Paulistano*, entre fins do século XIX e início do século XX, apresentam nomes e sobrenomes estrangeiros, que ofereciam os seus serviços como profissionais, em especial na área do comércio e prestação de serviços variados. Nesses periódicos encontramos também a presença dos profissionais liberais, entre eles, os médicos, eleitos para este estudo. A atuação destes profissionais no período foi de extrema importância, porque as pessoas em geral apresentavam diversos problemas de saúde.

O ideal de progresso e beleza evocados pela *Belle Époque* não se faziam presentes integralmente na cidade de São Paulo, que ainda guardava nas décadas de 1860 e 1870 aspectos e hábitos coloniais, como animais circulando pelas ruas, falta de iluminação em muitas outras, falta de sistema de canalização de águas e serviço de esgotos, além de saneamento básico, calçamento regular, coleta de lixo, nem assistência médico-hospitalar. Havia toda uma problemática nas questões que envolveram a higiene e a saúde.[2]

Os imigrantes que em São Paulo se instalaram, encontraram uma cidade fétida, suja, mal iluminada e perigosa, em contraste com o ideal europeu que pretendia-se alcançar. As condições de higiene, pavimentação das ruas, salubridade no interior e nos quintais residenciais geravam graves problemas de saúde pública. Um dos vetores de doenças foram as águas. O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo deve ser levado em conta, principalmente no que se refere aos rios. São Paulo ti-

1 Levantamento de dados realizado no Memorial do Imigrante, no Arquivo Histórico Municipal Washington Luís e no Arquivo do Estado, todos localizados na cidade de São Paulo.

2 Cf. BRUNO, 1984: 15.

nha à sua disposição as águas do rio Anhangabaú e do rio Tamanduateí, que davam acesso às águas do rio Tietê, e ainda podia contar com as águas dos afluentes desembocadas em outros rios. Os cuidados com a canalização e a distribuição das águas na cidade eram em geral insuficientes e desiguais.[3] Esses, entre outros fatores, geraram complicações de difícil solução por parte da administração pública da província paulistana, no que se referia à higiene e à saúde.

As práticas como enterrar ou jogar animais domésticos mortos nas margens dos rios, despejar lixo e excrementos das casas ou lojas comerciais ou restos dos matadouros, realizar rituais de umbanda e candomblé dentro das águas, entre outros fatores, fizeram com que estas se tornassem inapropriadas ao consumo. Passaram a ser disputadas as águas dos chafarizes, das fontes, das caixas e barris-pipas, que não enfrentavam tais práticas acima citadas.

Além destes problemas, as moradias da população em geral eram péssimas, devido aos defeitos nas construções como, por exemplo, nos alicerces das casas, o que gerava umidade e a proliferação de fungos e bactérias, e também nas instalações sanitárias. Esses problemas também eram encontrados nas casas daqueles que tinham melhores condições financeiras.[4]

As doenças mais comuns naquele período eram a malária, também chamada de impaludismo; a varíola, também conhecida como epidemia de bexigas, porque os portadores ficavam cheios de bolhas pelo corpo; a febre tifoide; a lepra, também chamada de morfeia ou mal de Lázaro; o tifo; a difteria; a escarlatina; a meningite; a tuberculose, entre tantas outras, assim como as doenças mentais, psíquicas e sexualmente transmissíveis, que preocupavam tanto os médicos como a população em geral.[5]

Muitos imigrantes traziam consigo além das malas com os seus pertences, os vírus, as bactérias, os parasitas e muitas outras enfermidades. Desembarcavam no Brasil com muitos males de saúde, o que gerava mais uma agravante diante de tantas dificuldades que precisavam enfrentar. Muitas dessas enfermidades eram adquiridas nos navios, devido às péssimas condições de higiene e alimentação precária, ao cansaço dos longos dias da viagem, que deixavam debilitado o organismo de homens, mulheres, jovens, velhos e crianças.

---

3 Cf. SANT´ANNA, 2002.

4 BRUNO, 1984: 19.

5 BRUNO, 1984: 19.

O estudo de Mírian Halpern Pereira[6] destaca que a imigração portuguesa para o Brasil passou a ser conhecida como "*corrente de suicídios*", devido ao elevado número de portugueses mortos neste percurso desde o embarque, até sua fixação, em função de todas estas mazelas descritas acima. Os seus estudos denunciam as enfermidades incuráveis, como também a mutilação de membros do corpo humano, devido aos problemas de moradia e higiene, tanto no que se refere ao espaço urbano, como nos limites rurais. Em função disto, muitos dos imigrantes portugueses que vinham para o Brasil como trabalhadores rurais, e eram dirigidos para o trabalho no campo, passados alguns anos, realizavam o êxodo rural e migravam para as cidades em busca de trabalho. Alguns já possuíam até mesmo reclassificação profissional registrada no passaporte. Muitos homens vieram sozinhos, muitas mulheres desembarcavam viúvas e com os filhos, ainda havia os jovens e crianças que ficaram órfãos. Todos estes foram solidários uns aos outros.

Um dado interessante constatado foi que, durante o século XIX, a medicina ainda não era uma profissão de status e privilégios como é vista hoje. Também o trabalho médico estava ligado no período às atividades braçais, militares e clericais. Esse é um dos fatores de relevância que vai de encontro com o que diz a documentação burilada, sobre a condição socioeconômica de um de nossos personagens que, apesar de ser médico cirurgião e expressar solidariedade aos doentes, também se colocava como imigrante pobre e necessitado, como veremos mais adiante. A busca pelos médicos portugueses presentes na Beneficência Portuguesa nos levou a investigar sobre a formação dos médicos nas escolas e faculdades de farmácia e medicina, para esclarecer o motivo da escassez de imigrantes portugueses no quadro clínico do Hospital São Joaquim. Um dado encontrado nessa pesquisa foi que o ensino médico brasileiro teve suas origens nas escolas portuguesas, conforme descrevem os estudos atuais sobre o tema.

> Antes da criação das escolas médicas brasileiras, os interessados em estudar medicina complementavam os seus estudos na Universidade de Coimbra, em Portugal. Com a chegada da Família Real Imperial ao Brasil, deu-se início ao ciclo Universitário, quando foram fundadas as primeiras escolas médicas brasileiras.[7]

6 PEREIRA, 1981.

7 BETTENCOURT, 2005.

Os médicos brasileiros, portanto, formavam-se em Portugal, em especial na Faculdade de Coimbra. A primeira faculdade de medicina no Brasil foi criada na Bahia em 18 de fevereiro de 1808 e, em novembro do mesmo ano, foi criada a segunda faculdade no Rio de Janeiro, chamada Escola Anatômica Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. As dependências dessa instituição localizavam-se em vários endereços na cidade do Rio de Janeiro à época. O ensino e a prática médica no Brasil no início do Império tinham muitas diferenças em relação à atualidade. Para matricular-se em uma escola médica, era necessário apenas saber ler e escrever, ter no mínimo 18 anos de idade e pagar uma taxa para inscrição. Para seguir ao segundo ano, o aluno era avaliado em francês. As aulas teóricas e práticas eram realizadas nas enfermarias próprias para esse fim. O exercício da medicina antes da criação das escolas médicas no Brasil era permitido somente aos físicos e cirurgiões portadores de habilitação e licenciados pelo cirurgião Mor do Reino. A atuação dos médicos estava basicamente limitada às atividades da sangria, da aplicação de ventosas, cuidado de feridas e fraturas. A medicalização dos pacientes era permitida somente aos médicos formados em Coimbra.

A intervenção no corpo humano nas primeiras décadas do século XIX estava também nas mãos de outros sujeitos históricos, como os cirurgiões-barbeiros, os curandeiros e os boticários.[8] Estes, em suas boticas responsabilizavam-se pelo diagnóstico, pelo receituário, preparo e venda do remédio para uma diversidade de males do corpo e também da alma, como eram chamadas as doenças conhecidas hoje como psíquicas e neurológicas. Apesar de algumas semelhanças com o período colonial, as boticas e os boticários, após a independência do Brasil, passaram por algumas modificações, pois no Império a profissão de boticário começou a se organizar e, por isso, já em 1839, foram criados cursos oficiais de Farmácia, com duração de 3 anos, onde os diplomados recebiam o titulo de Farmacêuticos.[9] Somente na década de 90 do século XIX foi criada a Escola Livre de Farmácia de São Paulo. A partir dos finais do século XIX, houve maior rigor cientifico em relação à instalação dos cursos de nível superior e suas especialidades. Devido aos avanços dos estudos anatômicos, a medicina foi cada vez mais se separando de outras práticas de in-

8 Ofício derivado dos apotecários árabes, que mantinham lojas para venderem e administrarem drogas medicamentosas, por volta do ano de 754. Na Europa, as boticas se instalam no século XII. Vale ressaltar que no período colonial brasileiro, botica era o nome dado ao local onde se dispensavam as drogas com finalidades medicamentosas. As boticas podiam ser de ordem militar, comercial, hospitalar e religiosa. O padre José de Anchieta foi considerado o primeiro boticário em atividade em terras paulistas. Os curandeiros ambulantes também carregavam consigo uma caixa de madeira chamada botica, contendo ervas, unguentos, raízes, óleos, sementes, grãos, entre outros elementos que, somados aos seus conhecimentos, derivados do âmbito sagrado, propunham atenuar as dores, os males, e realizar curas. Sobre esse assunto, cf. ARAÚJO, 2012.

9 Em 04 de Abril de 1839, o Governo de Minas Gerais fundou em Ouro Preto uma escola para ensino exclusivo de práticas farmacêuticas. Cf. FARIAS SOBRINHO, 1973.

tervenção no corpo humano. Assim, foram criadas ao longo das décadas na cidade de São Paulo a Escola Livre de Farmácia de São Paulo em 1898, a Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo em 1911, a Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo em 1934, a Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo em 1962, como também a Faculdade de Odontologia no mesmo ano.

> Em relação à arte de curar, é certo que a botânica ainda não era uma área de conhecimento autônoma, logo se estudavam as plantas com o intuito medicinal: as plantas deveriam ser utilizadas como remédios. Somente em 1814 é que foi estabelecida a disciplina de Botânica na Escola Anatômico Médica Cirúrgica do Rio de Janeiro, fundada em 1808. O século XIX foi uma época caracterizada pela instituição da medicina em algumas regiões da América Portuguesa. No entanto, o que predominava era uma pluralidade de modos de cura e de maneiras de interver sobre o corpo doente, que eram questionados pelos médicos diplomados /.../ A convivência estranha entre os elementos da tradição cultural colonial com as atividades trazidas pelo discurso científico levou a questionamentos sobre assuntos ligados à saúde, como a restrição imposta pelos acadêmicos àqueles que falavam sobre doenças e curas. Somente em fins da primeira metade do século XIX que a medicina fixou-se como ciência na sociedade /.../ e ocorreu a fundação das faculdades.[10]

O ensino de medicina e a prática médica sofreram várias mudanças. Em 1812 ocorreu a primeira reforma do ensino médico no Brasil, e foi quando o curso passou de 4 para 5 anos. Em março do mesmo ano, a Junta de Direção Médico-cirúrgica e Administrativa do Hospital Real e Militar, onde funcionava a Escola Anatômica e Cirúrgica do Rio de Janeiro, inspecionava as aulas ministradas através dos estatutos escolares da Escola de Medicina de Coimbra. Somente no ano de 1828 foi promulgada uma lei, deferindo que somente médicos diplomados podiam clinicar. Esta lei aboliu as Cartas de Licenciamento. Em 1832, o curso de medicina passou a ter 6 anos de duração. Com isto, podemos afirmar que muitos brasileiros se formaram em Medicina em meados do Século XIX, o que nos leva a retomar o objeto de nosso artigo, sobre os médicos portugueses imigrantes e residentes na Beneficência Portuguesa de São Paulo.

10 DIDONE, 2007, p. 65.

Na busca pelos médicos de nacionalidade portuguesa, a pesquisa encontrou 158 pessoas do sexo masculino com o título de "Doutor" antes do nome. 100 eram de nacionalidade brasileira e, em 22 desses, não consta a profissão. 16 eram italianos e, em apenas 1 não consta a profissão. 11 eram portugueses e, em 4 deles não consta profissão. Do total de pessoas, em 7 destas nada consta sobre a nacionalidade. Do total de pessoas, 1 brasileiro era professor, 1português era engenheiro, 1 brasileiro era juiz de direito, 1 português era advogado, 2 brasileiros eram banqueiros, 1 brasileiro era secretário da Fazenda, 2 brasileiros eram advogados e 1 outro político. Houve também 1 holandês, 1 inglês, 1 austríaco e 1 alemão como médicos. No primeiro momento, a pesquisa se deparou com a dificuldade de encontrar a profissão de cada nacionalidade, porque além dos profissionais da medicina, as profissões de engenheiro, advogado, delegado, juiz de paz, dentistas, professores, arquitetos, entre outras, possuíam e ainda possuem o referido título antes do nome. Foi detectada uma vasta presença de médicos italianos e brasileiros, além das nacionalidades inglesa, holandesa, austríaca e alemã.

Nesta investigação, encontramos cinco nomes de médicos emigrados de Portugal para o Brasil, que fizeram parte do corpo clínico do Hospital São Joaquim da Beneficência Portuguesa, entre os anos de 1859 a 1944:

**Período Imperial**
- Antonio Manoel da Silva
- Joaquim Pires de Albuquerque Jordão
- Antonio Maria Bittencourt Rodrigues

**Período Republicano**
- Alfredo de Almeida Rego
- João Areosa de Oliveira Mendonça Cortez

Após encontrar alguns dados sobre os médicos de nacionalidade portuguesa que estiveram presentes no quadro dos funcionários do referido hospital, o desafio seguinte foi a escassez de fontes para a reconstrução histórica sobre a contribuição desses imigrantes no mundo do trabalho como profissionais da saúde. Estas fontes trazem informações sobre os referidos médicos, que executaram os seus trabalhos em diferentes contextos históricos, mas não as apresentam de forma completa em todos os casos. Como descrito acima, três deles no período Imperial, e dois no período Republicano. Apontamos que esses períodos possuem especificidades históricas tanto do ponto de vista médico, como também dos pontos de vista político, econômico e social da história do Brasil e da cidade de São Paulo.

Pinçamos agora um pequeno histórico sobre cada um destes personagens, na medida em que as fontes permitiram, preenchendo através da documentação encontrada no Hospital São Joaquim algumas lacunas.

## ANTONIO MANOEL DA SILVA

Em várias edições do jornal *Correio Paulistano*, constam notas sobre o referido médico. Sua chegada ao Brasil e o desembarque no porto de Santos com sua esposa e seus três filhos foram registrados na edição datada de 5 de Maio de 1862. O seu endereço residencial também esteve notificado em uma outra edição. O Doutor Antonio Manoel da Silva, em anúncios jornalísticos, ofereceu seus serviços como médico, com atendimento gratuito aos pobres, cuidados e remédios àqueles que estiveram nos campos de Batalha da Guerra do Paraguai e, por isso, recebeu nota de agradecimento no referido jornal.

Sua atuação como médico, no Hospital São Joaquim, ficou registrada em uma solicitação que o mesmo fez, oferecendo não somente os seus cuidados como médico, mas também os de sua família, que passaram a cuidar das roupas utilizadas no ambiente hospitalar.

> ... Nessa altura, o cirurgião Antonio Manoel da Silva, súdito português residente nesta cidade de Manoel da Nóbrega, solicita a sua nomeação não só de médico interno e efetivo do vosso hospital, como também empregado de todo o expediente e administração interna da casa, pois tendo adquirido uma prática de seis anos dentro do grande hospital civil do Funchal, durante os meus estudos médicos-cirúrgicos, sobre o movimento interno destas casas de caridade, acho-me habilitado a desempenhar trabalho de tal natureza e bem assim a minha família poderá também encarregar-se das costuras da roupa do hospital, engomados, evitando assim mais empregados que só acarretaria maiores despesas á Sociedade /.../ declaro-vos que como médico interno e efetivo do vosso hospital prestarei os meus serviços de boa vontade gratuitamente à Sociedade, enquanto Deus me emprestar a vida e assim me remunerar-me-ei pelos outros serviços a meu cargo, como entenderdes e estiver em vossas forças a fim de ter um meio de subsistência para mim e minha família, cumprindo vós ao mesmo tempo também um ato de caridade digno de vossa instituição para com o vosso patrício pobre e pai de família.

A documentação acima citada trata da condição socioeconômica de Antonio Manoel da Silva que, apesar de ser médico cirurgião e expressar solidariedade aos doentes, também se colocava como imigrante pobre e necessitado, algo muito interessante para nossa pesquisa, pois demonstra que a imigração trazia sujeitos de variadas situações sócio-econômicas, mas que se entendiam como todos necessitados.

CORREIO PAULISTANO

## JOAQUIM PIRES DE ALBUQUERQUE JORDÃO

O Doutor Joaquim Pires de Albuquerque Jordão estabeleceu residência em São Paulo, com sua esposa Tersile Ferreira de Albuquerque. Os jornais pesquisados trazem dados sobre o batizado de seu filho Aníbal, nascido em 08 de Março de 1865, e do nascimento de sua filha Eliza, no dia 27 de Março de 1867. Também informam sobre sua atuação como médico, que doou dinheiro para Cabo Verde, Portugal, que foi associado da Caixa de Socorros do Rio de Janeiro e que esteve na vice-presidência do Hospital São Joaquim, da Sociedade Portuguesa de Beneficência, no ano de 1865.

Seu nome aparece em uma nota de agradecimento por parte do presidente da Sociedade Portuguesa, o Senhor José Alves de Sá Rocha, no ano de 1870, anos antes da inauguração do Hospital São Joaquim, na Rua Brigadeiro Tobias nº 343 que, na ocasião do evento, chamava-se Rua Alegre.

> Cresce o número de médicos a serviço gratuito da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Além dos Drs. Luiz Lopes Batista dos Anjos, Guilherme Ellis e Frederico Borghoff, mais dois novos apóstolos da Ciência este ano nos ofertaram seus valiosos e filantrópico auxílios: os Drs. Alfredo Ellis e Joaquim Pires de Albuquerque Jordão. A todos os colaboradores dessa grande obra de benemerência recomenda o presidente José Alves de Sá Rocha: Gravem-se com traços indeléveis na história desta Sociedade nomes destes verdadeiros patronos da Caridade...

As fontes históricas informam notícias a respeito do Doutor Joaquim Pires de Albuquerque Jordão, e trazem dados sobre sua atuação e formação como farmacêutico e como médico. Trazem a discussão sobre o conhecimento teórico e científico que os discursos hegemônicos diziam pertencer aos farmacêuticos e aos médicos, formados por escolas e faculdades, em oposição ao conhecimento dos antigos boticários sem formação acadêmica. Naquele período, havia uma íntima relação entre a farmacologia e a medicina, uma especificidade histórica de importante relevância, que foi observada durante a investigação de dados sobre a atuação dos médicos na cidade de São Paulo. As boticas, que aos poucos passaram a ser chamadas de farmácias, denominação que dependia da formação daquele que manipulava, receitava ou vendia os remédios, já faziam parte do cenário cotidiano na província de São Paulo. Naquele período conturbado e conflituoso, os boticários, posteriormente chamados de farmacêuticos, estavam entre as várias personagens que se propunham a realizar o ofício da cura e ou do alívio dos males. Alguns deles ganharam fama na segunda metade do século XIX, como Julio Lehmann. Seu estabelecimento localizava-se no Largo do Palácio; Manoel Rodrigues da Fonseca Rosa, localizado na Rua do Ouvidor; Luiz Maria da Paixão atendia no Hospital de Misericórdia; Antonio José de Oliveira estava localizado na Rua Direita; Gustavo Schaumann estabelecia-se na Rua São Bento; e Joaquim Pires de Albuquerque Jordão; na Rua do Comércio.

Um exemplar do jornal *Correio Paulistano* trouxe uma nota a respeito do regresso do Dr. Joaquim Pires de Albuquerque Jordão à cidade de São Paulo. Este dado explicita que sua formação e especialização como médico estavam vinculadas à cidade de Bruxelas, na Bélgica, e que era um profissional renomado e experiente na área da saúde.

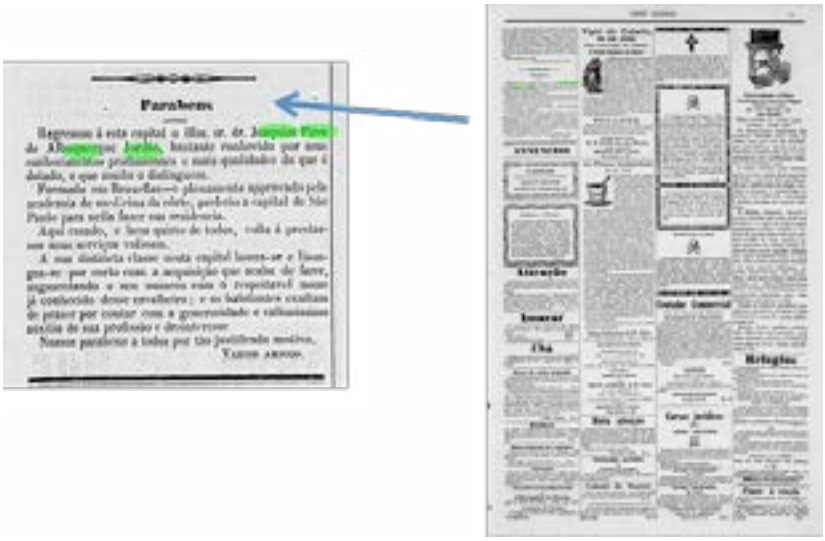
## ANTONIO MARIA BITTENCOURT RODRIGUES

Enquanto a cidade de São Paulo se remodelava, o Hospital São Joaquim também passava por mudanças. Os documentos registram que as modificações foram desde a melhoria dos salários dos médicos e enfermeiros à incorporação de profissionais renomados, como o Doutor Antonio Caetano de Campos, ao corpo clínico do hospital.

Além de acompanhar muito bem o ritmo das transformações da cidade, passou a ser o pioneiro na área da saúde em relação às outras organizações de imigrantes no ramo. Apesar da grande presença de médicos italianos na cidade, foi somente no final do período Imperial que houve a constituição da Sociedade Italiana de Beneficência, e apenas em 1º de Janeiro de 1905 a referida Sociedade pôde inaugurar o seu Hospital, chamado Umberto I.

Este estudo faz interlocuções com a saúde publica na cidade de São Paulo. Isso permitiu reflexões a respeito do ato e do discurso médico vigente. Encontra-se nos discursos médicos da época uma grande preocupação com a higiene e a saúde. Assim, as especia-

lidades médicas higienistas/sanitaristas, além da medicina alienista, tomavam corpo nos estudos da medicina. A Paulicéia medicalizada tornava-se cada vez mais importante. Antes da criação da Faculdade de Medicina na cidade, médicos paulistas partiam para o Rio de Janeiro para desenvolverem suas Teses de Doutorado, e voltavam para São Paulo para exercerem suas atividades. Isso também explica a grande presença de médicos brasileiros no corpo clinico do Hospital São Joaquim.



A área da saúde nos finais do século XIX e inicio do XX esteve marcada pelo discurso da cientificidade. O exercício da medicina devia ser feito com muito rigor, e houve investimento na moralidade da profissão como algo racional. Para essa finalidade, entre outras, foi criada a Inspetoria de Fiscalização de Medicina e Farmácia e Verificação de Óbitos, órgão que funcionou com o apoio e supervisão da Faculdade de Medicina e Cirurgia. A lei que inaugurou a Academia de Medicina e Cirurgia e Farmácia na cidade de São Paulo data de 24 de novembro de 1891. O saber médico passou a normatizar todas as questões ligadas à saúde do corpo humano. As parteiras, os curadores, os ervateiros, os raizeiros, os boticários, os médicos estrangeiros espíritas, os naturalistas e outras categorias denominadas de *curandeiros*, passavam a ser enquadrados em legislações policiais sob a denominação de charlatões.

O renomado médico Antonio Maria Bittencourt Rodrigues estava antenado ao momento de mudanças, normatizações e cientificismo. O Doutor Bittencourt Rodrigues, como era conhecido, participou da fundação da Polyclínica na cidade de São Paulo, inaugurada em 07 de Maio de 1896. Já no primeiro ano de funcionamento, a Polyclinica atendeu aproximadamente 2000 pacientes. Com o seu interesse voltado ao desenvolvimento das ciências

biomédicas e da saúde pública, o Doutor Bittencourt Rodrigues também ofereceu suas contribuições para a criação do Instituto Pasteur. Inclusive os estudos dos primeiros casos de hidrofobia (raiva) humana atendidos no inicio dos trabalhos do Instituto Pasteur foram feitos no consultório do Doutor Bittencourt, que esteve ao lado do Doutor Ulysses Paranhos em uma campanha para criar uma instituição de combate à raiva.

A atuação do Doutor Bittencourt Rodrigues no Hospital São Joaquim aparece no Esboço Histórico da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência em São Paulo. É possível avaliar pelos documentos históricos que os administradores do Hospital preocupavam-se com o desempenho do trabalho do corpo clínico e das especialidades médicas que foram cada vez mais diversificadas no campo da cirurgia, da infectologia, da oftalmologia, da ginecologia, entre outras, e procuravam inserir no quadro de funcionários pessoas responsáveis, experientes e dedicadas, como o caso do referido médico. Desde a inauguração, sempre prezaram pelo respeito mútuo entre os colegas de trabalho de todas as áreas dentro do recinto hospitalar, como também pela ética médica entre os profissionais da saúde e o cuidado com os seus pacientes.

## ALFREDO DE ALMEIDA REGO

Um acontecimento registrado nas fontes históricas chamou nossa atenção em relação ao mau procedimento do médico português Alfredo de Almeida Rego, que ocasionou a sua demissão no ano de 1911. O médico, que inclusive morava no hospital, foi acusado de deixar suas atividades de lado, passando a ter um comportamento duvidoso, assediando moral e fisicamente enfermeiras, trazendo para dentro do hospital uma amante, dizendo ser esta sua secretária, e uma paciente de seu consultório particular, apanhado aos beijos com a mesma. Nas edições do Jornal Correio Paulistano, podem ser encontradas noticias sobre o médico, após a data do ocorrido nas dependências hospitalares.

Residente em São Paulo à Avenida Rangel Pestana nº 20, foi sócio colaborador da União Internacional e, apesar do incidente dentro do Hospital São Joaquim, o Jornal Correio Paulistano trouxe duas notas de agradecimento feitas por Adelino de Oliveira, onde o mesmo agradece ao Doutor Alfredo de Almeida Rego por seus cuidados. O médico esteve presente em alguns eventos na cidade de São Paulo, como notificado nas edições 17886, de 09 de Maio de 1913, e 18093, de 02 de Dezembro de 1913.

Casou-se 15 de Abril de 1914 com Elisa Leal Fernandes. A cerimônia foi realizada na residência dos pais da noiva, na Rua Visconde do Rio Branco nº 89. O periódico relata sobre os convidados, o cardápio servido e também sobre a viagem de lua de mel, na edição 18225, de 16 de Abril de 1914. Apesar de ter sido demitido do Hospital São Joaquim em 1911, o médico continuou atuante e respeitado na cidade de São Paulo.

## JOÃO AREOSA DE OLIVEIRA MENDONÇA CORTEZ

A estrutura urbana da cidade de São Paulo foi moldada através da combinação entre a expansão horizontal e a verticalização, para que houvesse acomodação geográfica. Houve intervenções de projetos urbanísticos nas áreas viárias através da criação de avenidas, que abriram espaços para a formação de novos bairros na sequência dessas avenidas e imediações. Nesse sentido, obras públicas continuavam a serem empreendidas, como foi o caso do Plano de Avenidas da gestão de Francisco Prestes Maia (1938-1945).

Nesse contexto, trabalhou como chefe clínico do Hospital São Joaquim o Doutor João Areosa de Oliveira Mendonça Cortez, natural de Portugal, filho de João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez e de Sarah Areosa Mendonça Cortez. Defendeu sua Tese de Doutorado com o título *Contribuição ao Estudo de Urecemias* em 1924, dedicando-a aos seus pais e à sua noiva. Teve uma vasta publicação de livros e artigos científicos, tornando-se um médico muito respeitado. O Doutor Tarcillo Toledo Filho, médico do Hospital Beneficência Portuguesa, em entrevista concedia para essa pesquisa[11], disse que o conheceu pessoalmente e afirmou que o Doutor Mendonça Cortez "foi um grande clínico, uma alma muito boa, excepcional, e que antes de ser médico, tinha feito faculdade de Farmácia em Portugal."

O trabalho de pesquisa histórica apresenta a cada nova busca desafios a serem vencidos pelo historiador. Nesta pesquisa em especial, alguns desafios tiveram a necessidade de serem superados:

> - O primeiro deles trata da dificuldade de localização de documentos sobre os médicos portugueses, devido aos seguintes fatores: muitos dos médicos foram conhecidos e chamados somente pelo sobrenome, como o caso do Doutor Bittencourt Rodrigues, cujo nome completo era Antonio Maria Bittencourt Rodrigues;
> - A grafia dos nomes era escrita de várias formas: Doutor Bittencourt, ou Doutor Betencour(t);
> - Também há o caso dos sobrenomes de origem tipicamente portuguesa. Encontramos por exemplo dois médicos, o Doutor João Barbosa de Barros e o Doutor José Barbosa de Barros, ambos brasileiros. Sobrenomes homônimos, entre outros, exigem do pesquisador exímio cuidado no entendimento das fontes e na escrita dos resultados desses cruzamentos na pesquisa.

11 Entrevista realizada com o Doutor Tharcillo Toledo Filho, em seu consultório na cidade de São Paulo, em 07/08/2013.

# REAL E BENEMERITA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA

**Vista da actual séde da Real e Benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia.**

A Real e Benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia, commemora, hoje, o seu 78.º anniversario de fundação.

Fundada em 1859 por dedicados lusianos aqui radicados, destacando-se Luiz Simeão Ferreira Vianna, José Rodrigues Salazar e Miguel Gonçalves dos Reis, possue hoje magnificas installações á rua Brigadeiro Tobias, 35.

Commemorando tão grata ephemeride, a sociedade realisa hoje, ás 15 horas, em sua séde, uma sessão solenne, sendo orador official o exmo. sr. dr. Aurelio Arrobas Martins, professor do Lyceu Franco Brasileiro.

Na sessão, que será presidida pelo exmo. sr. consul geral de Portugal, serão entregues por s. exc. as insignias da "Cruz de Honra" aos srs. Antonio Silva Parada, presidente da directoria; dr. João Arcoa Mendonça Corte, chefe clinico do hospital; commendador Joaquim Pereira da Silva Porto, sendo ainda descerrado o retrato do dr. Bento Theobaldo Ferraz, fallecido naquelle hospital, a 23 de fevereiro do corrente anno, a quem o Conselho concedeu essa homenagem, conferindo-lhe tambem a "Cruz de Honra".

PRIMUS INTER PARES
CIGARROS
Regina
LOPES SA' & C.

"Correio Paulistano"
E. F. ARARAQUARA

Acha-se percorrendo as localidades da E. F. Araraquara, a serviço do "CORREIO PAULISTANO", o sr. Luiz Accioli.

**Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Tarso, 2012. *Almanaque das Drogas*. São Paulo: Leya.

BEGLIOMINI, Hélio, 2009. Asclepíades da Academia Paulista de Letras. História Documentário e Biografias. São Paulo.

BETTENCOURT, Daniela Almeida de e outros, 2005. *Gazeta Médica da Bahia e o Ensino Médico no Brasil*. Bahia: Universidade Federal da Bahia.

BRUNO, Ernani Silva, 1984. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Arraial de Sertanistas (1554-1828) e Burgo dos Estudantes (1828-1972). Volume I e II. São Paulo: Hucitec.

COLUCCI, Sandra Regina, 2009. A República de Asclepíades. Os médicos, a cidade e a saúde pública em São Paulo. 1920-1930, In: AVELINO Yvone Dias e Outros. *Polifonias da Cidade*. Memória, Arte e Cidade. São Paulo: D'escrever.

CORADIN, Odaci Luiz, 1997. *Grandes famílias e Elite Profissional na Medicina no Brasil*. História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro: Manguinhos III.

CORTEZ, João Areosa Oliveira de Mendonça, 1924. *Contribuição ao Estudo de Uricemias*. Tese de Doutorado defendida na faculdade de medicina de São Paulo, Cadeira de Hygiene. São Paulo: Typografia Souza e Braga.

DIDONE, Daniela Machado Gonzaga Ferreira, 2007. *Saúde, Alimentação e Medicamentos na Província de São Paulo*. O olhar de Spix, Martins e August de Saint-Hilaire no início do Século XIX. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

FARIAS SOBRINHO, José Ribeiro, 1973. *140 Anos do Ensino Farmacêutico no Brasil*. 1832-1972. João Pessoa: ESZF.

FERREIRA, Lívio Tito, 1959. História da Beneficência Portuguesa de São Paulo. São Paulo: Saraiva.

NOBRE, Antonio Góes, 1920. *Esboço Histórico da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência em São Paulo*. 1859-1899. Vol. I. São Paulo: Cia Paulista de Papéis e Artes Gráficas.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi, 2008. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PEREIRA, Mirian Helpern, 1981. *A Política Portuguesa de Imigração*. 1850-1930. Lisboa: Portuguesa.

SANTANA, Denise Bernuzzi, 2002. O Corpo na Cidade das Águas. São Paulo (1840-1910). *Revista Projeto História nº 25*. Corpo e Cultura. São Paulo: EDUC.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho, 1996. *Poder e Saúde*: As epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo: UNESP.